

O CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA EM DECORRÊNCIA DO LEGADO GEOPOLÍTICO MUNDIAL DO SÉCULO XX.

Autor: Ageu Silva Neto

Prof. Orientador: Vanessa Dutra Machado

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI
Relações Internacionais (8º Período) – Trabalho de Graduação
27/11/2023

RESUMO

A historicidade e a fundamentação geopolítica, somadas a iniciativa ucraniana de aliar-se ao Ocidente, levaram a Rússia a radicalizar seu posicionamento em impedir tal aliança. Culminando na invasão militar russa ao território ucraniano, a fim de reivindicá-lo. Sob o pretexto que, ambos territórios são apenas um, pois possuem o mesmo povo, cultura e história, uma vez que, até 1991, juntos, faziam parte da União da República Socialista Soviética, URSS.

Lembrando de teorias geopolíticas clássicas elaboradas sob a essencialidade basilar da corrente teórica realista das Relações Internacionais e direcionadas para uma leitura geográfica pragmática de interesse, como a teoria do “Heartland” (Coração da Terra), de Mackinder, por exemplo, entende-se mais a necessidade da Rússia em obter o território alvo, além de outros que a cercam. Também compreende-se a intolerância da entrada da Ucrânia na OTAN, e a dualidade entre os pensamentos das potências ocidentais e da Rússia de Vladimir Putin.

Torna-se necessária à compreensão de temas geopolíticos como esse, a utilização da “lente” correta, para que o somatório de fatores e eventos, históricos e contemporâneos, possam ser analisados de modo tão imparcial quanto possível, o que poderia ser de utilidade pública e acadêmica.

Palavras-chave: Relações Internacionais, geopolítica; conflito; realista; interesse.

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2021, o presidente russo, Vladimir Putin, exigiu aos EUA e à OTAN que não permitissem a entrada da Ucrânia na organização ocidental, assim como a redução de militares da aliança próximos da fronteira. Putin não demonstrou pretensão de negociar os termos.

Em 16 de fevereiro de 2022, em uma nova entrevista coletiva, Putin alegou que a Ucrânia efetuou um genocídio dos falantes do idioma russo na região de Donbas e solicitou a resolução do conflito com o progresso da paz do Tratado de Minsk – acordo assinado em setembro de 2014, entre os envolvidos no atual conflito e outras duas repúblicas (Donetsk e Lugansk), utilizado para encerrar um conflito no leste ucraniano – semelhantemente para a região da Crimeia. Porém o acordo não foi totalmente implementado e o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, não concordou com os pontos inseridos no tratado que exigem que as eleições locais sejam realizadas em duas regiões separatistas no leste do país apoiadas pela Rússia, o que afeta o controle do governo ucraniano sobre si; o governo Ucraniano também não aceitou o impedimento de entrada na OTAN e nem a interferência russa em suas políticas externa e interna.

No entanto, de acordo com as unidades de inteligência dos Estados Unidos e da Ucrânia, a mobilização russa e o cerco formado na fronteira de 150.000 (cento e cinquenta mil) soldados russos sugestionava uma invasão em larga escala, apesar de Putin justificar a ação como um exercício militar. A OTAN, então reforçou a segurança de imediato na Polônia e em outra região próxima, mas não enviou militares para a Ucrânia por não ser parte da Aliança.

De acordo com o portal de notícias CNN, no dia 24 de fevereiro de 2022, após meses de intensificação do tensionamento, a Rússia ataca a Ucrânia em uma tentativa de forçar o “recuo” dos Estados Unidos. Apesar dos alertas e ameaças dos líderes europeus e americano quanto às sanções, ainda assim, a Rússia engajou sua operação militar em regiões da Ucrânia, da Crimeia e de Belarus, no intuito de pressionar o ocidente e fazê-lo recuar a área de aproximação da OTAN.

Putin apontou a Ucrânia, juntamente com a OTAN, como responsável pelo início do conflito. Salientando que deveria, a todo custo, impedir a entrada da Ucrânia na OTAN. Pois, caso efetivada, essa união seria uma ameaça em potencial ao flanco ocidental russo, além de limitar o acesso ao mar Negro e conseqüentemente ao comércio marítimo mundial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender o conflito atual entre Rússia e Ucrânia em sua totalidade e complexidade, se faz necessário refletir sobre as narrativas/motivações de cada país envolvido pela temática Euroasiática e a influência do Ocidente nessa extensa faixa territorial.

Mesmo após a Guerra Fria chegar ao seu fim com a extinção do Pacto de Varsóvia¹ em 1991, seu legado está, indubitavelmente, ligado ao presente. Uma vez que, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, OTAN², se faz presente como um braço militar dos Estados Unidos e seus aliados na Europa, garantindo o seu poder de influência na região, atuando como um meio de atender aos interesses das potências militares que a constituem, tal como ocorreu durante a intervenção na Líbia em que a ditadura de Muammar Kadhafi, não era conveniente aos interesses geopolíticos dos norte-americanos e seus aliados, e sobre isso, comenta Mead (2006, p. 137 – 138).

Também é preciso entender que os norte-americanos vão reagir a provocações [...] por meio do uso da força maciça e esmagadora. Ou seja, aqueles que não suportam os norte-americanos, devem no mínimo, aprender a temer os Estados Unidos. A força permanente é um elemento importante das relações internacionais; os inimigos dos Estados Unidos precisam estar cientes de que o país possui mais forças que as outras potências e, sob as devidas circunstâncias, vão utilizá-la.

Portanto, é essencial analisar as teorias geopolíticas que, no passado, fundamentaram e definiram o curso das tomadas de decisão dos países

¹ O Pacto de Varsóvia foi um acordo militar assinado entre as nações do bloco socialista no Leste Europeu em 1955. Esse pacto reforçava os laços entre as nações participantes, impondo que elas deveriam ajudar umas às outras em caso de uma guerra. O acordo foi uma resposta da União Soviética à Otan, liderada pelos Estados Unidos.

² Organização do Tratado do Atlântico Norte, OTAN, é uma aliança militar de mútua cooperação estratégica de países ocidentais em regiões de influência na Europa, criada em 1949, para conter o avanço do regime socialista soviético.

protagonistas da Guerra Fria e que, atualmente, sintetizam as narrativas/motivações da OTAN e da República Federativa Russa ao conflito bélico-militar ocorrendo no continente europeu entre Rússia e Ucrânia.

Em consequência da essencialidade desse entendimento, é imprescindível analisar o conjunto de acontecimentos gerados em decorrência do desfecho da II Guerra Mundial (1939 – 1945) que definiram as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e geopolíticas pelo transcorrer do século passado até a contemporaneidade no séc. XXI, conforme observa Saraiva (2007, p.170):

Do ponto de vista quantitativo, as relações internacionais da construção e expansão do mundo liberal cederam lugar a uma nova ordem internacional. A Grã-Bretanha e a França deixariam de reinar. A Alemanha e a Itália perderiam os espaços internacionais conquistados pela força. Apesar do prenúncio dessa nova ordem vir do período entre as guerras, o nascimento de um ordenamento internacional sustentado na emergência dos flancos europeus é desdobramento inequívoco da Segunda Guerra Mundial.

Ou seja, desse conflito podemos colher relações internacionais contemporâneas em seu mais alto nível de mundialização.

O seguinte artigo científico tem a pretensão de abordar e entender o conflito entre Rússia e Ucrânia sob a perspectiva geopolítica da corrente teórica realista das Relações Internacionais. Além de compreender e trazer à tona, os interesses e as motivações da Rússia embasadas nas teorias de cientistas geopolíticos de referência, principalmente com Alexander Dugin – percussor da teoria eurásiana –, e de explicar o efeito da organização militar ocidental, encabeçada pelos Estados Unidos da América, no conflito a partir do alinhamento cronológico das sequências históricas do período da Guerra Fria em decorrência das teorias geopolíticas de Spykman e George Kennan, formuladas sobre a política de contenção.

2.1 O Legado Histórico do século XX

A II Guerra Mundial foi um marco temporal na história da humanidade. Um conflito de proporções globais que se espalhou por quatro continentes (Europa, Ásia, África e Oceania) e dois oceanos (Pacífico e Atlântico), responsável por perpetuar lamentáveis acontecimentos – tais como o holocausto e a devastação causada pelo uso de bombas atômicas em Nagasaki e Yroshima – e, além disso, seu encerramento proporcionou uma remodelação das estruturas sistemáticas internacionais, presente até os dias de hoje, assim como observa Saraiva (2007, p.179) : As guerras paralelas se uniram na maior conflagração da história da humanidade. Ao final de 1945, o mundo já se modificara plenamente. Em 1947, a balança de poder internacional era outra.

Antes mesmo do fim da guerra – 2 de setembro de 1945 – os Chefes de Estado das grandes potências que lideravam os países Aliados (Roosevelt dos Estados Unidos, Stálin da União da República Socialista Soviética e Churchill da Grã-Bretanha) se reuniram em três ocasiões, entre 1943 e 1945. Tais encontros, conhecidos como Conferências, foram demandadas para refletir e debater o curso das ações momentâneas da guerra e as decorrentes tomadas de decisão que deveriam ser implementadas para que os Aliados viessem a consolidar-se como vitoriosos no conflito; e, mais importante que isso, como seriam reestabelecidas as relações de poder, as zonas de influência e domínios territoriais no pós-guerra. As conferências foram :

Conferência do Teerã; sendo o primeiro acordo firmado entre as potências que compunham o bloco dos Aliados, ainda durante a guerra – em 1943. Teve como principal objetivo, definir as ações conjuntas que EUA, Grã-Bretanha e URSS teriam durante o conflito. Conforme descreve Winston Churchill, em sua obra “Memórias da Segunda Guerra Mundial”³, como primeiro resultado, foi definido o desembarque dos Aliados na Normandia.

A frente ocidental, que executou a Operação Overlord, só veio em junho de 1944 com o desembarque dos Aliados na Normandia. Ficou evidente a linha

³ Este livro é uma condensação em dois volumes da grande obra de Sir Winston Churchill *The Second World War*, de seis volumes no original inglês: *The Gathering Storm*, *Their Finest Hour*, *The Grand Alliance*, *The Hinge of Fate*, *Closing the Ring* e *Triumph and Tragedy*, publicados entre os anos de 1948 e 1953. Sir Winston recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1953 pela sua extensa obra literária.

de Churchill em aguardar o esgotamento das tropas alemãs e soviéticas (MAGNOLI, 2008. P.84)

Em decorrência disso, acordaram a repartição do território da Alemanha e redefinição das fronteiras polonesas após a guerra; e o reconhecimento dos EUA e da Grã-Bretanha perante a anexação dos países bálticos – Estônia, Letônia e Lituânia – pela URSS, uma vez que, devido a sua posição estratégica e enorme poderio bélico associado a extensa faixa territorial, já sediava a fronteiras destes territórios com suas tropas. Consolidando, como interesse geopolítico soviético, o domínio de influência territorial do Leste Europeu.

A Conferência de Yalta; que teve como principais resultados a formação da frente unida, entre as três grandes potências, no ataque final a Alemanha nazista para dar fim a guerra e consolidar a vitória dos Aliados; a divisão das zonas de influência entre Leste e Oeste no território europeu – exceto aqueles já acordados na Conferência do Teerã, como comenta Wallerstein (2004, p.22) :

Portanto, não foi a fundação da Carta das Nações Unidas em 1945 que determinou as restrições geopolíticas na segunda metade do século XX, mas sim a Conferência de Yalta, dois meses antes, que reuniu Roosevelt, Churchill e Stalin. [...] foi um acordo entre ambos os lados no sentido de que poderiam permanecer onde estavam e nenhum lado usaria a força para expulsar o outro. Este pacto tácito aplicava-se também à Ásia, como demonstra a ocupação do Japão pelos Estados Unidos e a divisão da Coréia. Politicamente, Yalta foi um acordo de status quo, segundo o qual a União Soviética controlaria cerca de um 1/3 do mundo e os Estados Unidos o restante.

Finalizando a conferência com o Acordo de Paz (Declaração da Europa Libertada) que marcaria o fim do conflito mundial; e a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) – sendo esta diretamente influenciada por ideias americanos, devido ao forte apoio econômico e financeiro fornecidos pelos EUA, e ingleses, baseados na Carta do Atlântico – para substituir a, fracassada, Liga das Nações como organização mediadora das dinâmicas internacionais para assegurar a paz no pós-guerra.

Os Estados Unidos estavam em condições de hegemonia, reunindo condições historicamente sem precedentes para tentar mais uma vez reorganizar o sistema político, econômico e militar internacional. Nessa tarefa, se engajaram através do projeto de segurança coletiva das Nações Unidas.

(GUIMARÃES, 2001, p. 26)

Por fim, a Conferência de Postdam; nessa reunião entre as três grandes potências do bloco dos Aliados, foram impostas sanções a Alemanha – indenização imposta pelos danos da Guerra, desmilitarização, etc – e na divisão final de seu território em quatro zonas de influência (EUA, Grã-Bretanha, URSS e França), além da consolidação de uma frente unida contra todo e qualquer instituição ou órgão com características nazifascistas.

O centro das discussões foi a organização da administração da Alemanha derrotada. Decidiu-se a divisão provisória da Alemanha em quatro zonas de ocupação militar administradas pelas potências vencedoras (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética). Os ocupantes deveriam cumprir um programa de erradicação completa das estruturas nazistas e realizar reformas voltadas para a democratização da sociedade alemã. As medidas concernentes ao conjunto do território seriam tomadas em comum acordo.

(MAGNOLI, 2004, p. 88)

Procedeu-se, também, ao completo desarmamento da Alemanha. As associações de veteranos de guerra, as juventudes militarizadas e os clubes e associações paramilitares foram também extintos. (MAGNOLI, 2004). Por fim, a criação do Tribunal Internacional para julgar as atrocidades cometidas durante a guerra, como o extermínio de judeus, por exemplo.

Contudo, é preciso destacar os preceitos regidos em 1944, durante a Conferência de Bretton Woods, nos EUA, convocada para ordenar as diretrizes econômicas e financeiras no pós-guerra, a fim de proporcionar uma estabilidade econômica mundial.

Após três semanas de debates, os mais de 700 economistas representantes dos 44 países participantes da conferência, firmaram o acordo que possibilitou o atrelamento do sistema cambial ao dólar, que por sua vez se fixaria no ouro, além da criação de duas instituições : o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento, ou BIRD –

que mais tarde viria a ser conhecido como Banco Mundial – deveria financiar projetos para o desenvolvimento dos países-membros e o Fundo Monetário Internacional (FMI), para manter a estabilidade do sistema cambial pelo financiamento de dívidas de curto prazo nos pagamentos internacionais.

O Padrão Ouro-Dólar, também conhecido como Sistema de Bretton Woods, era baseado em taxas de câmbio fixas dos países centrais, porém reajustáveis, pois podiam mudar por decisões de política em relação ao dólar e em relação ao preço oficial do ouro. [...] A posição dos EUA neste momento era muito forte, pois praticamente todos os países aliados haviam tomado empréstimos nos EUA durante a guerra, além de que uma boa parte das reservas de ouro do mundo estava nos EUA. Ao vencer a II Guerra Mundial, a vitória militar americana não foi somente contra o eixo Alemanha-Japão-Itália mas, do ponto de vista econômico, os EUA derrotaram de vez toda a Europa Ocidental. Foi com essa posição inicial de poder, particularmente assimétrica dos EUA, que foi construída a ordem financeira e monetária internacional do pós-guerra. (FIORI, 2004, p. 182)

Em suma, as repartições dos territórios europeus, assolados pela Segunda Guerra Mundial, determinadas durante essas conferências e a hegemonia econômica americana estabelecida a partir do Acordo de Bretton Woods proporcionaram o cenário que gerou uma repentina e brusca escalada de tensões que desencadeou o embate social, econômico e cultural entre as antagônicas ideologias capitalista e socialista ao redor do globo, denominado Guerra Fria. (1947-1991).

O surgimento de uma nova ordem mundial teve de esperar até o fim da II Guerra Mundial, quando se constitui a hegemonia americana sob a égide do padrão-dólar, no interior de uma ordem geopolítica bipolar, que dividiu o mundo em duas esferas de influência. Os EUA emergiram da II Guerra Mundial com um projeto claro de afirmar sua posição de potência hegemônica do mundo capitalista. Este propósito era justificado em termos de evitar as consequências desastrosas do “isolacionismo” que guiou a política americana no pós-guerra (FIORI, 2007, p.123)

Os Estados Unidos da América, engratecidos por protagonizarem a vitória sobre os países do Eixo – e pelo imenso poderio nuclear demonstrado após os lançamentos das bombas nucleares em Nagasaki e Yroshima, no Japão – pretendiam globalizar seu modelo econômico; baseado em práticas essencialmente capitalistas como o livre comércio, predominância da iniciativa privada, mínima intervenção estatal. Em contrapartida, a URSS, com a expansão do seu modelo econômico socialista (difundido, principalmente, no Leste Europeu) baseava-se na centralização de poder do Estado, priorização das empresas estatais, igualdade de divisão de bens.

Configurou-se então, um jogo geopolítico de ação e reação para definir a supremacia entre as superpotências de ideologias diferentes que interferiu na política e economia de vários países, e conseqüentemente, em diversos acontecimentos ao redor do globo durante o período compreendido entre 1947 e 1991– como por exemplo, implementação do Plano Marshall e da criação da OTAN, encabeçados pelos norte-americanos e consolidação do Pacto de Varsóvia, além do Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários (Cominform) e o Conselho para Assistência Econômica Mútua (Comecon) como respostas soviéticas.

A OTAN era formada por Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Ocidental, Itália, França, Canadá, Suécia, Espanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Áustria e Grécia. Os países que faziam parte do Pacto de Varsóvia eram União Soviética, China, Alemanha Oriental, Coreia do Norte, Cuba, Romênia, Iugoslávia, Albânia, Tchecoslováquia e Polônia. (MAGNOLI, 2004)

Tal jogo de influência geopolítica desencadeou uma série de acontecimentos ao redor do globo. Assim como, a divisão da Alemanha em Alemanha Ocidental (capitalista) e Alemanha Oriental (socialista), financiamento de conflitos armados entre diferentes grupos étnicos na África, a Guerra do Vietnã, a Guerra da Coreia – Coreia do Sul sob influência capitalista e a Coreia do Norte defendendo os vícios comunistas – financiamento por parte dos Estados Unidos ao golpe militar no Chile e para o regime militar no Brasil, entre outros.

2.2 As narrativas/motivações Geopolíticas do Ocidente.

Os clássicos estudos geopolíticos foram elaborados a partir da perspectiva realista do momento histórico vivenciado por seus autores como formas de compreender e assegurar os meios necessários para garantir o poder e para defender a soberania das grandes potências nacionais. Nesse sentido, Sir Halford J. Mackinder e Nicholas J. Spykman desenvolveram teorias geopolíticas que influenciaram profundamente a política externa de seus Estados.

Mackinder, em 1904, desenvolve a sua teoria do poder terrestre, ou Teoria do *Heartland* (Coração da Terra), com ímpeto de demonstrar aos formuladores da política externa inglesa a vital importância da “região-pivô” onde se situava o império russo, isto é, o coração continental ou *Heartland*. Em sua teoria, Mackinder classificou o mundo em duas regiões geográficas fundamentais. A primeira delas é a *World Island* (Ilha Mundial), esta corresponderia aos territórios da Europa, Ásia e a África, região em que teria ocorrido a maiorias dos eventos e guerras mais importantes da história. A outra região, que é o restante do mundo, denominou de Ilhas do Exterior. O *Heartland*, seria a área pivô, sendo o centro da Ilha Mundial, referente ao território eurasiático (REIS, 2015). Para o autor, o território euroasiático, o *Heartland*, com diversos recursos naturais, permite ao Estado que controlar essa região ter o desenvolvimento de um grande poder, nesse sentido o mesmo afirma que “Quem domina a Europa Oriental controla o Heartland; quem domina o *Heartland* controla a *World Island*; quem domina a *World Island* controla o mundo” (MACKINDER, 1919 apud BRAGA, 2011). Sobre essa teoria, pode-se atribuir créditos a Mackinder por sua influência em moldar as motivações ao esforço inglês em impedir a aliança russo-alemã na Primeira Guerra Mundial.

No final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos consolidaram sua hegemonia no mundo capitalista; conjuntamente, a URSS emerge como uma potência militar. Esse fato levaria os norte-americanos a deixarem o isolacionismo e assumissem um protagonismo político no plano internacional (SANTOS, 2007, p. 35). Tal mudança fora norteadas pelas análises e formulações teóricas de vários pesquisadores e estrategistas econômicos, políticos e geopolíticos; dentre eles o

geoestrategista Nicholas J. Spykman (1893 - 1943) e o diplomata e historiador George F. Kennan (1904 - 2005), possuem destacada influência nessa remodelagem de conduta norte-americana.

Falecido anteriormente ao final da II da Guerra Mundial, Spykman foi um dos geopolíticos mais influentes de seu país, podendo ser considerado um precursor na formulação de programas de segurança tendo por base estudos geográficos. Seus primeiros trabalhos apareceram em 1938 e 1939. Tomando como base Mackinder e a centralidade atribuída por este ao coração continental, defendia que não era necessário controlar essa região, mas cercá-la a partir da região que denominou de *anel continental (Rimland)*. Devido a isso, Spykman ficou conhecido como predecessor da teoria da contenção – estratégia esta utilizada pelos Estados Unidos da América durante a Guerra Fria, segundo o internacionalista Julian Mokwa Félix.

Segundo Spykman, "tudo que não seja forjar uma *Grossraumwirtschaft* — um grande espaço vital - que incorpore todo o continente americano com base em uma economia planificada, com produção controlada e direção centralizada do comércio internacional, não poderá sobreviver [...]. Nenhum dos estados aceitará de bom grado as modificações imprescindíveis para criar esta economia regional [...]. Somente a conquista do hemisfério pelos Estados Unidos e a implacável destruição das economias nacionais ora existentes, poderia realizar a integração necessária."

Sobre o papel que os EUA deveriam exercer no mundo, o autor afirmou que os esforços no sentido da conquista e preservação do poder não tinham por finalidade a realização de valores morais; mas, ao contrário, os valores morais é que eram feitos para a conquista e preservação do poder. Relevando a importância do domínio marítimo, Spykman criou a teoria das fímbrias marítimas, através da qual preconizava que os Estados Unidos substituiriam a Inglaterra no lugar em que esta ocupava até então na estratégia mundial. Nesta, o território norte-americano deveria ser protegido desde o Alasca até a costa sul-americana, enquanto que, pelo lado atlântico, proteção deveria ser realizada abarcando desde a Groenlândia até o promontório nordestino brasileiro. (SPYKMAN, 1944a).

Dois anos depois, prosseguiria com suas preocupações sobre a área em novo livro. Discorria então sobre o problema da segurança do Hemisfério Ocidental projetando inclusive o seu futuro e comentando as posições de Mackinder na Eurásia.

Ao mesmo tempo criticava a geopolítica como entendida pela Escola Germânica que via naquela uma filosofia global de história (SPYKMAN, 1944a).

Assim, a nova liderança mundial caberia aos Estados Unidos, menos vulneráveis a ataques econômicos e militares, e mais versáteis em manobras rápidas para o equilíbrio de poder. Para exercer tal tarefa com o máximo de eficácia, Spykman recomendava a instalação de bases de proteção ao redor de todo o continente.

No dia 22 de fevereiro de 1946, George F. Kennan, então servindo como encarregado de negócios em Moscou, sob o pseudônimo de “X”, enviou o que viria ser conhecido como “longo telegrama”, ao Departamento de Estado dos EUA. Tal documento, fora o pilar basilar da política externa norte-americana durante o período que compreende a Guerra Fria. Uma vez que, nesse documento o autor – a partir da sua longa expertise sobre o mundo soviético adquirida desde o contato inicial com as críticas ao czarismo influenciadas pelas experiências de vida de seu primo de segundo grau, George Kennan (1845-1924) que “além de compartilharem nome e data de nascimento, ambos foram expulsos da Rússia, ambos criaram organizações para dar suporte a refugiados russos, escreveram e discorreram profusamente sobre o mundo russo, tocavam guitarra, amavam barcos à vela e possuíam outras semelhanças” (KENNAN, *Memoirs*. 1925-1950, p. 8), até sua exímia carreira como diplomata – explana de forma sumária a história e a cultura do povo russo para contextualizar uma análise objetiva da condução da política externa soviética e salientar seu vínculo à ideologia comunista e às políticas domésticas do Kremlin para, por fim, fundamentar a premissa da existência de interesses divergentes – e irreconciliáveis – entre os regimes praticados no âmbito doméstico das duas potências.

O diplomata justificava que, na concepção marxista-leninista, fundamento ideológico do regime soviético, havia questões basilares a serem consideradas: a questão central na existência da humanidade, que determina o caráter da vida pública e a fisionomia da sociedade, é o sistema por intermédio do qual as riquezas são produzidas e trocadas; o sistema capitalista é perverso e nele é inerente a exploração do proletariado pela burguesia e, além disso, o sistema é incapaz de desenvolver adequadamente os recursos econômicos da sociedade e de promover a distribuição das riquezas provenientes do trabalho humano; o capitalismo contém em seu interior as sementes da sua própria destruição, uma vez que a burguesia é

incapaz de se adaptar às mudanças necessárias, o que leva à transferência do poder ao proletariado pela via revolucionária; o imperialismo, fase final do capitalismo na concepção leninista, leva inevitavelmente à guerra e à revolução (KENNAN, 1999, p. 107-108).

A partir da compreensão dessa análise surgiu “a elaboração de um documento em que o diplomata examinava a conduta soviética e recomendava estratégias para o relacionamento dos EUA com a URSS” (STEPHANSON, 1992, p. 65). Finalizando, Kennan avaliava que os EUA deveriam se colocar como nação líder do mundo democrático e apontar caminhos às outras nações com vistas a superar os inúmeros problemas vigentes nas sociedades democráticas. Ademais, aconselhava que os governantes norte-americanos "deveriam evitar a todo custo o confronto direto com a União Soviética” (KENNAN, 1946). Assim surgiu, a Política de Contenção dos EUA durante a Guerra Fria, “uma doutrina inventada por George Kennan” (WALLERSTEIN, 2004, p. 43), inserida no novo contexto de política externa norte-americano denominado Doutrina Truman.

Em fevereiro de 47, Truman fez no Congresso americano um discurso que mais tarde ficaria conhecido como "Doutrina Truman". O presidente prometia acabar com a chamada "ameaça comunista" em qualquer parte do mundo onde ela surgisse. Era apenas o início de uma longa temporada de tensões internacionais que caracterizariam a Guerra Fria. O encerramento do Bloqueio de Berlim assinalou a inflexão definitiva da estratégia da contenção. (MAGNOLI, 2004, p. 102)

Sob essa nova estratégia de política externa, para ter êxito na contenção da potência comunista, os EUA utilizaram-se da diplomacia para estabelecer alianças estratégicas em regiões de influência que permitissem a instalação de bases militares. Nesse momento surge a OTAN.

Em sua formulação original, de Kennan, a contenção possuía, antes de tudo, um sentido econômico, e seu instrumento básico era a reconstrução da

Europa Ocidental. As tensões desencadeadas pela crise berlinense adensaram o conteúdo militar da contenção, resultando na criação, em abril de 1949, da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). (MAGNOLI, 2004, p. 102)

De resto, ainda como auspício da Doutrina Truman, os EUA passaram a ser grandes incentivadores a descolonização e praticamente iniciaram esse processo quando declararam a independência das Filipinas em 1946. Dessa forma, apoiou vários países a buscar sua independência com clara intenção de aumentar assim sua zona de influência no mundo e consolidar a Contenção do avanço das ideologias comunistas/socialistas do regime soviético. E foi diante desse cenário de conflitos regionais, com participações diretas e indiretas da OTAN e seus aliados, que muitos países incitados pelo lema estadunidense : liberdade a todos; conseguiram se desvencilhar da dominação exercida por outros países, principalmente das antigas potências colonizadoras europeias.

Segundo Paul Kennedy, "a Aliança da Otan fez militarmente o que o Plano Marshall tinha feito economicamente: aprofundou a divisão da Europa em dois campos" (1989, p. 362). Dessa forma, a institucionalização da Aliança fez com que a América do Norte estivesse associada à defesa da Europa, fortalecendo também os argumentos de preservação dos valores democráticos e da liberdade, diferentes da postura do bloco socialista.

Na década de 1980, a URSS começou a demonstrar sinais do início de sua crise. Quando Mikhail Gorbachov assumiu a Secretaria-Geral do Partido Comunista em 1985, ele se deparou com uma potência nuclear em decadência econômica e social. Teve início, então, um período de transição com a implementação da *glasnost* e da *perestroika*. Conforme as previsões de Kennan, comenta Munhoz (2018, p. 39)

Em contraste, o comunismo soviético se tornaria, cada vez mais, estéril e quixotesco, o que esvaziaria a sua capacidade de atração. Kennan entendia que a URSS era, seguramente, a parte mais frágil no conflito. Para ele, apesar de sua rápida industrialização e desenvolvimento econômico, o regime soviético não podia atender às necessidades sociais do seu povo e essa incapacidade o levaria à ruína. De fato, ele operava uma espécie de inversão da teoria marxista, ao prever que contradições internas geradas no interior da sociedade soviética, em decorrência da incapacidade do seu sistema

produtivo para atender as necessidades socialmente produzidas, gerariam forças sociais que entrariam em choque com o regime e levariam à sua superação.

Em suma, o colapso econômico soviético herdado da corrida militar e espacial juntamente com a derrota no Afeganistão e a reivindicação por parte de alguns países do bloco por independência, deram início a ruína da URSS. No dia 9 de novembro de 1989, o muro de Berlim caiu. Mas foi o ano de 1991 (quando Boris Yeltsin assumiu a presidência) que marcou a grande mudança. Naquele ano, em 01 de dezembro, a Ucrânia se declarou independente; em 8 de dezembro, as Repúblicas fundadoras da União Soviética (Rússia, Ucrânia e Bielo-Rússia) fundaram a Comunidade dos Estados Independentes, CCEI, dissolvendo-se assim a União da República Socialista Soviética.

2.3 As narrativas/motivações Geopolíticas da Rússia

Em 1991, após o fim da União Soviética, a Rússia enfrentou um vácuo de poder na sua esfera de influência. Muitos de seus antigos aliados se aproximavam da OTAN, exceto Bielorrússia e Ucrânia, esta última temerosa de divisões internas devido à forte influência russa na parte oriental (SOUSA, 2012).

Essa mudança desencadeou diferentes abordagens na formulação da política externa russa. Os ocidentalistas, defensores da cooperação com o Ocidente para modernização e integração global, visavam valores euro-americanos e viam com desconfiança a aproximação com países islâmicos e ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central (FLORETIN, 2014). Por outro lado, os eurasianistas – em especial os adeptos da corrente realista, que, em maior parte foram membros do Partido Comunista da União Soviética – propuseram a criação de uma “Eurásia”, valorizando a tradição e identidade nacional russa, percebendo-se como contraponto aos valores ocidentais unindo diferentes grupos étnicos e religiosos.

Esta corrente de pensamento percebia o ambiente externo hostil aos interesses russos e que a dissolução da URSS foi consequência das ações

premeditadas e bem planejadas pelo mundo ocidental (TEIXEIRA, 2008 apud SOUSA, 2012).

A Escola Eurasianista foi baseada em uma conjuntura de ideais culturais e tradicionais russos, que essencialmente se contrapõem ao cerne ideológico do modelo econômico e político defendido pelos países do ocidente. Apesar de, notadamente, ter enfraquecido na década de 1930, o arcabouço teórico Eurasianista ainda seria reengajado, pelo professor Aleksander Dugin, em sua versão mais corpulenta : o Neoeurasianismo.

Em sua Teoria do Mundo Multipolar, o autor caracteriza a globalização como uma imposição do paradigma atlântico. Para justificar sua afirmativa, volta à geopolítica clássica, na *Heartland* de Mackinder, afim de apresentar a base teocrática da geopolítica russa, ou seja, o poder terrestre russo, construído desde o século XV (Dugin 2016a). Desde este século, para a geopolítica russa um objetivo principal que baseou a Federação no decorrer do tempo : a integração da *Heartland*, o fortalecimento da sua influência na zona Norte da Eurásia, a afirmação da sua identidade perante o seu adversário mais agressivo, a Europa Ocidental (Dugin 2016a, 263).

Então, sob esta concepção teórica que Vladimir Putin chega ao poder na Rússia, em 1999. Putin assumiu a presidência em um momento de instabilidade e crise, prometendo restaurar a estabilidade e fortalecer a posição da Rússia no cenário internacional. Por conta disso, durante seu governo, implementou uma série de políticas que consolidaram seu poder e reafirmaram a influência russa.

Na esfera política, reforçou o controle do Estado sobre a mídia e a sociedade civil, restringindo a liberdade de expressão e limitando a oposição política. A centralização do poder nas mãos do presidente fortaleceu o governo e permitiu a manutenção de sua liderança por um longo período.

Portanto, o Neo-Eurasianismo implementado por Putin como base geopolítica pode ser notado em diversas reformas realizadas desde 2000, que levam à compreensão da importância da geopolítica eurásiana para a Rússia contemporânea: a reafirmação e recuperação da soberania da Rússia; a sustentação de seu território; a captura de oligarcas que atrapalhavam a evolução do Estado russo, exilando-os ou encarcerando-os para pagarem por seus crimes; a comunicação autêntica com os EUA e com a Europa Ocidental, de maneira imparcial, buscando sempre vencer a tentativa de

estabelecimento de uma ordem ocidental universal, mesmo que isso lhe custe todo o trabalho de unir forças para lutar a favor da multipolaridade; a adaptação de uma nova política que dê novas regras às mídias nacionais russas; a revalorização da história russa; o total suporte a todo e qualquer processo que integre seu Exterior Próximo; a regularização partidária sem *lobbying*, e; a consolidação da Federação Russa como poderosa em recursos energéticos (NUNES, 2018).

Ademais, pontuado como um ponto chave da teoria Neoeurasiana : o antiocidentalismo. Que, a mando de Putin, foi inserido em documento para oficializar discursos provenientes de casos que envolveriam a Rússia e os países ocidentais, inicialmente de forma discreta, na Concepção de Política Externa de 2013 na afirmação de que “a habilidade do Ocidente de dominar a economia e política do mundo continua a diminuir” (Rússia 2013, 2) paralelamente ao crescimento dos países da Ásia-Pacífico. E de forma mais veemente em 2016 em afirmações/declarações direcionadas, respectivamente :

À política externa russa;

As tentativas feitas pelas potências ocidentais para manter suas posições no mundo, inclusive impondo seu ponto de vista sobre os processos globais e conduzindo uma política para conter centros alternativos de poder, levam a uma maior instabilidade nas Relações Internacionais e crescente turbulência nos mercados globais e níveis regionais (Rússia 2016, 2 apud NUNES, 2018).

À OTAN;

A Federação Russa mantém sua perspectiva negativa em relação à expansão da NATO, à infraestrutura militar da Aliança se aproximando das fronteiras russas e sua crescente atividade militar nas regiões vizinhas da Rússia, considerando-as uma violação do princípio de segurança igual e indivisível e levando ao aprofundamento das antigas linhas divisórias na Europa e ao surgimento de novas (Rússia 2016, 13 apud NUNES, 2018).

Por fim, aos EUA;

A Rússia acredita que o diálogo com os EUA sobre questões bilaterais e internacionais só pode avançar de forma estável e previsível quando conduzido em pé de igualdade, com base na confiança mútua, respeito pelos interesses de cada um e não interferência nos assuntos internos de cada um. A Rússia não reconhece a política dos EUA de jurisdição extraterritorial além das fronteiras do direito internacional e encontra tentativas inaceitáveis de exercer pressão militar, política, econômica ou qualquer outra, reservando o direito de responder com firmeza a ações hostis, incluindo o reforço da defesa nacional e tomar medidas retaliatórias ou assimétricas (Rússia 2016, 18 apud NUNES, 2018).

Essa combinação de sentimentos nacionalistas e uma abordagem realista em seu planejamento e, conseqüentemente, nas tomadas de decisão, permitiu que Vladimir Putin consolidasse o seu poder no cenário interno russo, ao mesmo tempo em que projetou a imagem de uma Rússia forte e assertiva globalmente.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este projeto foi baseado e desenvolvido em pesquisa bibliográfica. Para sua construção foram utilizadas fontes de informação secundária, as quais pode-se mencionar: artigos e matérias publicadas por veículos de comunicação a partir de 2012 ao mês de agosto do corrente ano, voltados ao conteúdo proposto.

Trata-se de uma pesquisa explicativa de caráter qualitativo, com a finalidade de compreender as causas do conflito entre a Ucrânia e a Rússia, assim como explanar o plano de fundo geopolítico das teorias eurásianas e das teorias da contenção, elaboradas pelos geopolíticos Mackinder e Alexander Dugin, e Spykman e Keenan, respectivamente a cada teoria.

Desse modo, o artigo segue o método de estudo analítico, que se ocupa em avaliar as informações disponibilizadas com a finalidade de explicar fenômenos complexos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O realismo, uma corrente de pensamento que valoriza o poder, a segurança nacional e a busca de interesses próprios no cenário internacional, tem sido um elemento-chave na condução desse conflito e nas novas tensões que emergiram entre o Ocidente e o Oriente em várias partes do mundo.

A percepção da presença do realismo nas fundamentações teóricas geopolíticas e econômicas, norteadoras das políticas externas dos Estados do sistema internacional, nos permite compreender a complexidade do atual conflito entre Rússia e Ucrânia, como fruto das complexidades históricas, étnicas e políticas da região, além de também estar enraizado em interesses geopolíticos mais amplos.

Bem como o entendimento que o colapso da União Soviética no final do século XX criou uma nova ordem mundial, mas também deixou profundas cicatrizes, alimentando tensões que emergem periodicamente. A anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 e o conflito no leste da Ucrânia são exemplos de como antigas disputas podem ressurgir e abalar a estabilidade internacional.

Após 18 meses de duração do conflito, iniciado em 24 de fevereiro de 2022, é evidente que a guerra travada entre Rússia e Ucrânia representa apenas uma das manifestações das novas tensões desencadeadas entre o Ocidente e o Oriente ao redor do globo. Essas tensões são visíveis não apenas na região euroasiática, mas também em outras partes do mundo. Tal como, a queda de governos pró-ocidentais na região do Sahel africano, especialmente no Níger, após militares simpatizantes ao anticidentalismo – cerne do arcabouço teórico da geopolítica neo-eurasianista – promovido pela política externa, tomaram o poder. Assim, possibilitando a aproximação política destes governos autoritários e evidenciando como essas tensões estão se espalhando e afetando outras partes do mundo. A busca por influência e recursos nessas regiões é, cada vez mais, um fator determinante para a competição entre as grandes potências.

Da mesma forma que a disputa entre China e EUA em torno de Taiwan é outro exemplo das tensões crescentes entre o Ocidente e o Oriente. Taiwan é uma questão sensível e altamente estratégica, e qualquer conflito nessa área poderia ter consequências devastadoras para a estabilidade regional e global.

Nesse contexto, o fortalecimento de Estados e Organizações Internacionais emergentes, como o BRICS⁴ – principalmente após a iniciativa de expansão do bloco econômico –, é um sinal da crescente resistência ao imperialismo econômico exercido pelo G7⁵ e pela União Europeia⁶. Esses atores estão buscando uma maior autonomia e uma redefinição da ordem mundial, desafiando o status quo dominado pelas potências ocidentais.

Ou seja, a remodelação da ordem mundial geopolítica e econômica é inevitável à medida que as forças geopolíticas e geoeconômicas se realinham. Porém, o legado do século XX, com suas lições amargas sobre os custos da guerra e da divisão, deve servir como um lembrete crucial para a humanidade avançar em direção a uma ordem mundial mais justa, equitativa e cooperativa.

6 CONCLUSÃO

O conflito emergente entre a Ucrânia e a Rússia para diversas pessoas pode parecer sem sentido, aleatório e imprevisível. No entanto, ao analisa-lo sob os alicerces fundamentais da corrente teórica realista das Relações Internacionais, acrescentando os fatos históricos em sua cronologia, assim como os interesses geopolíticos nacionais dos Estados beligerantes, norteados pela visão pessimista da cooperação do cenário internacional e pelo pragmatismo nas tomadas de decisão, mais a fundo, notar-se-á que a invasão e sentimento de posse da Rússia sobre a Ucrânia é, de fato, muito mais antigo e significativo quanto se percebe.

E que, em consequência deste, a escalada das tensões em várias partes do mundo, combinada com a rivalidade entre as grandes potências e o fortalecimento de atores emergentes, cria um ambiente geopolítico instável e imprevisível, onde as crescentes divergências ideológicas sociais, econômicas, políticas e geopolíticas, e a corrida por recursos estratégicos podem levar a confrontações diretas entre potências nucleares, com consequências catastróficas para a humanidade, tornando a

⁴ O BRICS é uma aliança de países de mercado emergente que tem como objetivo a cooperação econômica e o desenvolvimento em conjunto.

⁵ O Grupo dos Sete (G7) é um grupo composto pelos países democráticos mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo (Alemanha, Canadá, França, Estados Unidos, Itália, Japão e Reino Unido).

⁶ A União Europeia (UE) é uma coalisão econômica e política de 27 Estados-membros independentes situados principalmente na Europa.

possibilidade de uma Terceira Guerra Mundial uma preocupação legítima. Devido a isso, é essencial que a comunidade internacional se comprometa com o diálogo, a diplomacia e a cooperação para evitar tal cenário catastrófico.

Portanto, é essencial que as nações e organizações internacionais atuem com sabedoria e prudência, no intuito de promover soluções pacíficas para os conflitos e estabelecer o diálogo entre os diferentes atores globais. A cooperação e o respeito mútuo são fundamentais para evitar a escalada de tensões e possibilitar a remodelagem da ordem mundial geopolítica e econômica de forma justa e sustentável, com base nos princípios do direito internacional e na busca por um mundo mais estável e harmonioso.

REFERÊNCIAS

ANGELI, José Mario. Gramsci, Globalização e pós-moderno: estudos de filosofia prática. UEL, 1998.

ARRIGHI, Giovanni: O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. São Paulo, Rio de Janeiro: UNESP, Contraponto, 1996.

BEAUD, Michel. Histoire du capitalisme de 1500 à nos jours. Éditions du seuil: 1990

CHILD, J. Latin American Research View. Geopolitical thinking in Latin America, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 89–111, 1979.

MACKINTOSH, Elisa. **O que o Putin quer com a Ucrânia? Veja a explicação do conflito.** CNN, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/oque-putin-quer-com-a-ucrania-veja-a-explicacao-do-conflito/>>

COUTO E SILVA, G. Do. Geopolítica do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

FIORI, José Luís. O poder americano. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

FLORENTIN, Manuel. **Putin y el euroasianismo radical.** 2014.

https://elpais.com/internacional/2014/03/14/actualidad/1394812700_566485.html.

GRAMSCI, A. Maquiavel, a política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Quinhentos anos de periferia: uma contribuição ao estudo da política internacional. 3. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. Universidade/UFGRS/ Crontaponto,2001.

GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia em Gramsci. Rio de Janeiro: Grall. 1978

HASSINGER, Hugo - Fundamentos geográficos de la Historia. Barcelona, Ediciones Omega S.A., 1958

HAUSHOFER, Karl – Poder y espacio, in RATTENBACH, Augusto B. (Comp.) – Antologia geopolítica. Buenos Aires, Editorial Pleamar, 1975

KEOHANE, Robert O. After Hegemony – Cooperation and Discordy in the World Political Economy. Princeton: Princeton University Press, 1984.

MACKINDER, Halford J. – Democratic ideals and reality. New York, The Norton Library, 1962

MAGDOFF, H. A era do imperialismo: a economia da política externa dos Estados Unidos. Portucalense Editora, Porto: 1972.

MAGNOLI, Demetrio. Relações Internacionais: teoria e história. São Paulo: Saraiva, 2004

MEAD, Walter Russel. Poder, terror, paz e guerra: os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2006

MELLO, L. I. A. Quem tem medo da geopolítica? São Paulo: Hucitec, 1999

MOFFITT, Michael O dinheiro do mundo: De Bretton Woods à beira da insolvência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

PERRY, Marvin. Civilização Ocidental: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Manual do Candidato: Política Internacional**. 2. ed. Brasília: Funag, 2012.

RENOUVIN, Pierre & DUROSELLE, Jean Baptiste - Introdução à história das relações internacionais. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967

SOUSA, Danilo Rogério de. **A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo**.

REIS, Tácio Nepomuceno. **A Geopolítica da Rússia: Uma análise através da geopolítica clássica e do choque de civilizações**. 2015. 113 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro

SILVA, Leandro Pignatari. A Vitória do Realismo Defensivo na Nova Doutrina de Política Externa Russa. **Interação**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p.1-11, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/12702/8057>>.

SJ Munhoz. Diálogos, v.22, n.1, 2018, p. 26 - 43

SPYKMAN, Nicholas John – Estados Unidos frente al mundo. México Fondo de Cultura Económica, 1944

SPYKMAN, Nicholas John - The geography of the peace. New York, Harcourt, Brace and Company, 1944a

TOCQUEVILLE, Alexis de – Democracia na América, 2.^a ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 2005

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O Caótico Século XXI**. Rio de Janeiro: Altabooks, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel, O declínio do poder americano: os Estados Unidos em um mundo caótico. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004